

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**GUERRA DE CANUDOS**

**Aluna: Anna Gabriela Oliveira de Souza**

ANNA GABRIELA OLIVEIRA DE SOUZA

GUERRA DE CANUDOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Aprovado em 11/12/2012.

Edna Maria Nóbrega Araújo  
Prof. Dr<sup>a</sup> Edna Maria Nóbrega Araújo  
Orientadora

Joedna Reis de Meneses  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Joedna Reis de Meneses  
Examinadora

Elisa Mariana Medeiros Nóbrega  
Prof. Dr<sup>a</sup> Elisa Mariana Medeiros Nóbrega  
Examinadora

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

S719g

Souza, Anna Gabriela Oliveira de

Guerra de canudos / Anna Gabriela Oliveira de  
Souza. – Guarabira: UEPB, 2012.

17 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
História) – Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edna Nobrega.

1. Conflito Social 2. Brasil República 3. Guerra de  
Canudos Título

22.ed. CDD 981.05

## **GUERRA DE CANUDOS**

**ANNA GABRIELA OLIVEIRA DE SOUZA**

Orientador: Edna Nóbrega

### **UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA- UEPB- CAMPUS-III**

#### **Resumo**

A situação do Nordeste, no final do século XIX, era muito precária. Fome, seca, miséria, violência e abandono político afetavam os nordestinos, principalmente a população mais carente. Toda essa situação, em conjunto com o fanatismo religioso, desencadeou um grave problema social. No sertão da Bahia foi iniciado este conflito civil, teve a duração de quase um ano e devido à força adquirida, o governo da Bahia pediu o apoio da República. O beato Conselheiro era quem liderava este movimento, acreditava que havia sido enviado por Deus para acabar com as diferenças sociais e também com os pecados republicanos, entre estes, estavam o casamento civil e a cobrança de impostos. Com estas idéias em mente, ele conseguiu reunir um grande número de adeptos que acreditavam que seu líder realmente poderia libertá-los da situação de extrema pobreza na qual se encontravam.

Com o passar do tempo, as idéias iniciais difundiram-se de tal forma que jagunços passaram a utilizar-se das mesmas para justificar seus roubos e suas atitudes que em nada condiziam com nenhum tipo de ensinamento religioso; este fato tirou por completo a tranqüilidade na qual os sertanejos daquela região estavam acostumados a viver.

Palavras-Chave: Conflito social, República.

#### **Summary**

The situation in the Northeast in the late nineteenth century was very precarious. Famine, drought, poverty, violence and political abandonment affected the Northeast, mainly the poor population. All this, together with religious fanaticism, unleashed a serious social problem. In the interior of Bahia started this civil conflict. It lasted almost a year and gained strength due to the government of Bahia requested the support of the Republic. Blessed Councillor, who was leading this movement, believed he had been sent by God to wipe out social differences and also the sins Republicans among these were civil marriage and tax collection. With these ideas in mind, he managed to gather a large number of supporters who believed that their leader could actually free them from the extreme poverty in which they found themselves.

Over time, the initial ideas are spreading so that gunmen began using up the same to justify their thefts and their attitudes that matched nothing in any kind of religious teaching, this fact completely removed in the tranquility which sertanejos that region were accustomed to live.

Keywords: Social conflict Republic.

## INTRODUÇÃO

Desde o início da colonização no Brasil, ocorreram conflitos entre grupos populares e o poder dominante. A busca por melhores condições de vida ou ainda a mudança de status político sempre estiveram presentes nos movimentos sociais que ocorreram em solo brasileiro. A recém, formada República no ano de 1889 não foi capaz de conter a insatisfação da população que ainda vivia sob o poder dominante do coronelismo.

Na região Nordeste, principalmente nos sertões, a situação do povo era caótica, pois a produção da cana-de-açúcar já se encontrava em declínio devido ao movimento abolicionista. Além disto, a população era castigada por uma grande seca, característica climática deste local. A cobrança de impostos e a exploração da mão-de-obra pelos coronéis, também eram fatores que agravavam a situação precária dos sertanejos. Diante desta situação o povo que vivia no sertão não alimentava nenhuma esperança em futuro melhor. É neste contexto que surge o líder Antônio Conselheiro, epíteto ao nome Antônio Vicente Mendes Maciel.

No século XVIII, era comum a existência de líderes messiânicos na região dos sertões, que pregavam a vinda do Messias para a libertação do povo e a vitória do Bem sobre o Mal, assim como a criação de um paraíso na terra. Os discursos também apresentavam uma visão escatológica do mundo.

Em 1894, na República Velha Prudente de Moraes assume o poder, representante da oligarquia do café. Nesta época ocorreram muitos conflitos sociais entre o poder dominante e o sertanejo. Estes conflitos eram marcados por seu caráter messiânico, nos quais a luta do sertanejo por suas convicções religiosas, sociais e políticas, eram baseadas na crença difundidas pelas idéias de um líder religioso.

Antonio Conselheiro foi considerado um líder messiânico que juntamente com seus seguidores edificou Canudos no Sertão da Bahia na gestão do Presidente Prudente de Moraes, o terceiro presidente do Brasil e o primeiro civil a ocupar o cargo, a guerra foi um movimento que evidenciou a importância da luta social na história do nosso país. Os conflitos se agravaram entre 1896 e 1897, período no qual foi deflagrada a guerra de Canudos.

Diante destas considerações o presente estudo tem por objetivo analisar alguns aspectos relacionados ao contexto histórico em que vivia a população na época do surgimento do Arraial de Canudos, a oposição política ao governo republicano aos seguidores e moradores do Arraial como também, alguns dados sobre as expedições que foram enviadas ao sertão para exterminar Canudos culminando no massacre dos habitantes do Arraial de Belo Monte e de seu líder espiritual Antônio Conselheiro.

## 1- O contexto histórico da Primeira República

Os movimentos sociais estão relacionados, de forma muito estrita, a vários problemas sociais, que se constituem em temas de estudo da Sociologia, que busca não só analisá-los, mas, sobretudo colaborar no sentido de buscar caminhos que levem à sua solução. E é exatamente o desejo de cooperar e/ou exigir soluções para esses problemas que leva também as pessoas a participarem dessas ações. Na maioria das vezes não estão vinculados a alguma instituição social e sempre professam algum tipo de ideologia. Para Gohn apud Siqueira (2006, p.2-3) os movimentos sociais:

São ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo.

Os movimentos sociais tendem a ser duradouros, constituem uma ação unificada, baseada na solidariedade entre seus membros, têm uma ideologia e uma perspectiva acerca de onde querem chegar. Enfim, baseiam-se num idealismo que motiva seus membros e os mantém unidos em torno de um mesmo propósito.

A sociedade capitalista é excludente por si só, como já vimos quando “conhecemos” Marx e suas teorias sobre o mundo do trabalho e as lutas de classes. É próprio do capitalismo a existência dos proprietários dos meios de produção (os burgueses) e aqueles que só têm a sua força de trabalho para vender (o proletariado). Diante disso, se estabelece o conflito e as diferenças entre os homens.

A República foi proclamada em 15 de novembro de 1889, por Deodoro da Fonseca, no Rio de Janeiro. Ele foi escolhido para liderar o golpe contra a monarquia. Os primeiros passos em direção à proclamação da República foram dados pela publicação do jornal A República, em 3 de dezembro de 1870 (CASTRO, 2007). Os militares mantiveram-se no comando da República nos primeiros quatro anos de existência do novo regime. Foi o período dos governos dos marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, de 1891 a 1894.

Esse período é caracterizado pelo coronelismo. Fenômeno político-eleitoral marcado pelo poder político das oligarquias agrárias que se sustentava no poder por meio do controle do voto da população, principalmente da população rural. Era o chamado “voto de cabresto” onde os coronéis determinavam em quem seus agregados deveriam votar e acompanhava de perto cada voto com seus jagunços para garantir a continuidade da política do café com leite e do seu poderio na região.

Neste contexto, em 1894, quem assume o poder é Prudente de Moraes, representante da oligarquia do café. Dessa forma, entre 1894 a 1930 o Brasil passa a ser governada por oligarquias ligadas a São Paulo e Minas Gerais, conhecida como a política “café com leite”. Prudente de Moraes foi o primeiro presidente civil após a proclamação da República que diante do contexto teve dificuldades na sua administração.

Em 1894 o momento político era delicado e o governo de Prudente de Moraes foi cenário do auge da disputa entre militares e civis pela liderança do poder nos primeiros momentos da República. A ação militar da proclamação da República, a falta de legitimidade desse grupo no mundo político, além das dissensões internas do próprio Exército, tornaram extremamente frágil a adoção de um governo militar para a República brasileira. Se na luta contra a Monarquia e todos os seus pressupostos o conjunto dos republicanos pareciam unidos, depois da proclamação o embate entre diferentes projetos políticos e institucionais se explicitou de forma inequívoca. (FERREIRA, DELGADO, 2008, p.139).

Alguns sertanejos, devido às condições precárias e de opressão que viviam depositavam sua esperança na crença da chegada de um enviado divino, que estabeleceria a ordem ao que estaria injusto. Daí a busca pela segurança e a paz fez com surgisse o movimento messiânicos em várias partes do Brasil. Contudo, ressalta-se que o envolvimento religioso, não se deu especificamente pelo anseio de salvação, mas também pelo contexto opressivo em que a população pobre vivia.

Para Levine apud Proença (2003, p.6) “o messianismo representa um despertar que sempre acaba levando a uma percepção de causas da privação [...] A influência que o líder exerce em seus seguidores se deve [também] à insegurança e à desesperança generalizadas”. Segundo Dobroruka (2008, p.3):

O sertanejo, vivendo num mundo de escassa cultura formal se comparado ao litoral teria inventado as pregações apocalípticas do Conselheiro, fundindo num mesmo personagem um conjunto esquisito de idéias e crenças - parte oriunda das expectativas escatológicas “individualizantes” do próprio Conselheiro, parte dos sermões atemorizantes dos padres e missionários que circulavam pelo sertão, parte ainda das prédicas de outros beatos. O profetismo de Antônio Conselheiro tomaria a forma então de um delírio coletivo, de uma psicopatologia das massas sertanejas.



Criado tal contexto, formava-se, portanto, um terreno fértil para a emergência de representações configuradas em um tempo de longa duração, capazes de possibilitar o surgimento de líderes com perfil messiânico. E foi o que aconteceu com um pregador religioso que, posteriormente, veio a ganhar maior notabilidade e se tornar o líder da Guerra de Canudos: Antônio Conselheiro (PROENÇA, 2003).

Silva Junior & Pereira (2009, p.4) explicam que a presença de “profetas”, “beatos” e “santos”, que eventualmente aparecem especialmente, no Nordeste, conseguem despertar na população sofredora, um alívio e uma grande esperança nas causas impossíveis, assim a credence passa a ser algo extremamente ligado ao poder sobrenatural como verdadeiro elixir de sobrevivência.

Embora não seja retratado no filme é importante destacar, que o fanatismo religioso não acontecia apenas no sertão da Bahia existia outros movimentos messiânicos como é o caso do Contestado em Santa Catarina organizado pelo beato João Maria. Esse fanatismo religioso surge diante da insatisfação e miséria que vive a população pobre e encontram nesses líderes a possibilidade de melhorar a vida. O que deveria ser uma atitude política passa a ser um problema religioso.

Com o advento da República o poder político ficara ao alcance das mãos dos coronéis em todo o país, e a seu encargo estava a cobrança de impostos, bem como a política social. A igreja apoiava os acontecimentos políticos da época, por isso colaborou com o governo para reprimir o movimento histórico contra Canudos (CAMARGO *et al*, 2005)

O governo republicano considerava os movimentos messiânicos como retrógrados e antiprogressistas (NEGRÃO 2001).

Segundo Queiroz apud negrão (2001, p.4):

A ocorrência desses movimentos demonstra que as sociedades de base patrimonialista não são estagnadas, mas, ao contrário, dotadas de uma dinâmica interna própria, capazes de reação contra fatores exógenos ou endógenos (no caso da análise da autora sobre os movimentos brasileiros, predominantemente endógenos) que comprometam sua existência tradicional.

Conforme Negrão (2001, p.1) “os líderes messiânicos teriam sido líderes revolucionários das massas camponesas e suas “cidades santas”, comunidades socialistas precursoras do futuro das sociedades modernas”.

Silva Junior & pereira (2009) esclarecem que atualmente nas acepções messianismo está relacionado com a idéia da crença em um líder político, as

camadas populares, acreditam a ele tem a capacidade de transformar e acabar com os abusos existentes e instaurar uma era de progressos para a população.

Valente apud Silva Junior & Pereira (2009, p.2):

O nome messianismo como o fenômeno é genericamente designado, para evitar certas limitações de sentido, é de origem hebraica. Vem do vocábulo hebraico Mashiah [messias], que significa literalmente o UNGIDO. Sebastianismo é sem dúvida forma ou manifestação de fenômeno messiânico. Nele, percebe-se a presença de forte sentimento coletivo, capaz de esmagar ou superar a tragédia de uma vida de sofrimento e injustiças, e de opor a esperança de vida melhor, cheia de felicidade, e paz social.

Na concepção de Ventura (2008, p.13):

Os sermões de Antônio Conselheiro não revelam expectativas na vinda de um Messias, capaz de trazer a vitória do Bem sobre o Mal, ou esperanças milenaristas na criação do paraíso na terra. Conselheiro foi mais um líder religioso, que atuou como autoridade religiosa exemplar e organizou uma comunidade segundo laços de solidariedade.

Nesta direção, Negrão (2001) afirma que apelo a valores religiosos não seria uma atitude alienada, mas a expressão da revolta por meio do único canal possível no contexto cultural tradicional, por isso os líderes messiânicos não seriam psicopatas megalômanos, mas místicos dotados de qualificações intelectuais acima da média de seus liderados; no mínimo, homens informados, com vivência em ambientes sociais diversificados e profundos conhecedores da cultura religiosa tradicional.

Segundo Ventura (2008), para alguns antropólogos e historiadores, Canudos não chegou a apresentar o misticismo extremado ou a crença coletiva na proximidade do fim do mundo, presentes em outros movimentos religiosos. A espera do fim do mundo teria sido em Canudos, um elemento do discurso religioso, presente nas profecias apocalípticas que circularam entre seus habitantes.

## 2- Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos

Antônio Vicente Mendes Maciel nasceu na vila de Quixeramobim, província de do Ceará, em 1828. Filho de um comerciante remediado, proprietário de algumas casas na vila, estudou português, Francês, e latim e assumiu os negócios falidos do pai depois de sua morte. Casou-se em 1857, lecionou português, aritmética e geografia, mas acabou se tornando cai-viajante. Sua vida mudou completamente com a fuga da sua mulher com um militar. A partir daí começou a vagar pelo sertão em busca dos traidores para vingar sua desonra, dando início a longa peregrinação pelo sertão da Bahia. Durante três décadas pregou a palavra de Deus, construiu Igrejas e reformou cemitérios. Apesar de enfrentar a oposição da Igreja Católica e das elites, consolidou enorme prestígio entre a população sertaneja. Quando a República foi proclamada, em 1889, Antônio Conselheiro insurgiu-se contra ela. (FERREIRA e DELGADO, 2008)

Antonio Conselheiro, não aceitava o fim da monarquia, pois, em sua opinião o monarca era colocado no trono por Deus e o povo não tinha o poder de tirá-lo. Por outro lado, com a República surgiram mudanças que não agradavam ao beato e nem a maioria da população brasileira, principalmente a população pobre do interior que não entendia as novidades que acompanhavam a nova forma de governo, a exemplo da criação de altas taxas de impostos, separação da Igreja do Estado, o estabelecimento do casamento civil, e outras práticas condenadas pelo povo. Por isso ele chamava a República de Anti-Cristo, Ou seja, politicamente ele defendia a monarquia.

Em relação a esse contexto, o filme os Sertões baseado no livro “Os Sertões” de Euclides da Cunha, a insatisfação da população com as novas medidas do Presidente, quando em uma das suas cenas o Conselheiro chega numa casa no momento que os oficiais encontram-se cobrando impostos e este juntamente com seus seguidores passam a reclamar do governo. Um dos oficiais comenta assim: “Se não gostarem então peça uma petição para o Presidente Marechal Floriano Peixoto ou seja, o que Deus quiser”, então a personagem chamada Penha responde: “Deus nunca tomou o que é meu”. Apesar das intervenções de todos, não adiantando muita coisa e eles então levam os seus bois, retratando a forma desumana e

autoritária, que agia o Regime Republicano em seus primeiros anos depois a de instaurado.

A situação do Nordeste brasileiro, no final do século XIX, era muito precária. A fome, devido ao desemprego e falta de oportunidade em outras áreas da economia, a seca, que dificultava o desenvolvimento da agricultura e o gado morria de fome e sede. A questão da seca na região do agreste explica-se a partir dos aspectos geográficos, que mostram a região do agreste sendo uma área onde a ausência de chuvas dura meses e até anos. Isso ocorre até os dias atuais, e mesmo sabendo disso as autoridades políticas não estabelecem uma política para amenizar o efeito da estiagem ou criar meios para a população conviver com os anos de seca sem que passem fome ou os animais morram. Já que não é possível evitar a seca, os governantes da região deveriam se preocupar com a situação da população carente. No entanto, foi aproveitando a situação de miséria do povo, que os grupos armados que trabalhavam para os latifundiários espalhavam a violência pela região. Tudo isso, desencadeou um grave problema social.

Naturaliza-se a pobreza, a miséria, a violência como sendo comum a região da seca. E a seca apesar de ser um fenômeno geográfico e, portanto recorrente de determinadas áreas.

O filme mostra um dialogo entre os personagens de Zé Lucena e sua mulher Penha, já vivendo no Arraial, eles dizem que ali é um ótimo lugar, que teria escolas para os seus filhos estudarem, comida, e moradia. O que comprova a satisfação dos moradores de Belo Monte (Arraial de Canudos).

Esse quadro contribui para que os latifundiários aumentem seus domínios. O filme retrata a insatisfação destes em relação à fuga de seus trabalhadores e jagunços para morarem no arraial de Canudos e por isso contribuem com as estratégias do governo. Eles querem a destruição de Canudos.

Ao deixarem suas moradias e passarem a vivenciar outras experiências as pessoas modificam seu modo de ser, seus hábitos e costumes. Passam a viver em comunidade, dividindo tudo que produzem frequentando a Igreja de forma regular, as crianças indo à escola etc. O que significa não só mudanças no cotidiano da população que passa a viver em Canudos como também mudança social e cultural.

Conselheiro, fixou-se na região de Canudos, às margens do rio Vaza-Barris, no nordeste da Bahia. Criou Belo Monte<sup>1</sup> como refúgio sagrado contra as secas da região e das leis impostas pelo governo republicano (VENTURA 2008).



Figura 1 - Visão geral de Canudos, onde se observa a disposição desordenada das casas e o curso do rio Vaza-Barris, no fundo do relevo

Arraial de Belo Monte era uma aldeia aproximadamente 25 mil habitantes. A organização social era baseada em princípios bíblicos, pois havia uma forte influência religiosa. A população vivia num sistema comunitário em que as colheitas, os rebanhos e os frutos do trabalho eram repartidos entre todos. Só havia propriedade privada dos bens de uso pessoal (roupas, móveis etc.). Também não existia cobrança de impostos, autoridade policial. A prostituição e a venda de bebidas alcoólicas eram rigorosamente proibidas.

Ribeiro (2008, p.1) relata que:

Grandes levas de sertanejos pobres, seguiam para Canudos, onde não havia cobrança de impostos e toda a produção das plantações e das criações de cabras era distribuída segundo as necessidades de cada família. Canudos cresceu rápido e em menos de uma década, já era a 3ª maior cidade da Bahia. Comercializava com Juazeiro e Salvador o excedente de suas produções.

<sup>1</sup> O Exército Brasileiro deu o nome de Canudos à localidade, em alusão a abundância de bambus em forma de canudos que cresciam naquela região, e para exterminar também o carisma do nome original (RIBEIRO, 2008).



Figura 2- Vista geral de Canudos. Todas as fotos históricas presentes nesta coluna foram feitas pelo fotógrafo Flávio de Barros, que teve o acesso exclusivo a Canudos em 1897, durante a 4ª ofensiva do Exército Brasileiro sobre o povoado. Fica registrado aqui também o agradecimento ao Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, localizado na Bahia, e que disponibiliza as históricas fotografias

Enquanto o povo sertanejo vivia assolado pela fome, os habitantes do Arraial viviam em harmonia seguindo os ensinamentos de seu líder religioso, distantes do da exploração dos coronéis. Para Camargo *et al* (2005, p.10):

Canudos certamente não era um paraíso na terra, mas foi um lugar onde sertanejos sofridos encontraram uma alternativa de viver livres e felizes. Os camponeses seguiam o Conselheiro como quem persegue um sonho, depositavam nele sua felicidade e esperança. O povo se admirava e respeitava mais o Conselheiro, pelo seu jeito simples e penitente, do que os padres aliados dos poderosos.

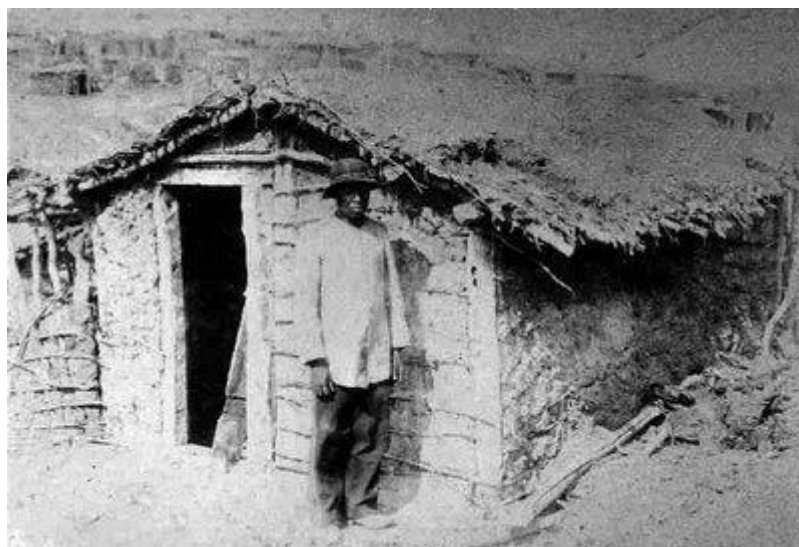


Figura 3: Cabanas dos moradores de canudos

A comunidade de Canudos consegue satisfazer as necessidades básicas de milhares de habitantes em plena caatinga, num semi-deserto, vivendo em melhores condições do que nas fazendas das redondezas. Viviam com dignidade, calma e solidariedade, levando muitas pessoas a migrarem para este local (ZILLY APUD BERTO, 2008).

Zilly apud Berto (2008, p.1) afirma que:

Esses mestiços têm uma cultura material, musical e poética com que simpatiza o narrador, eles criam bodes e vacas, são bons agricultores e artesãos, homens hábeis e honestos, trocam no “barracão da feira” das suas vilas os seus produtos por aqueles da Civilização, poderiam ser felizes se esta última não os perseguisse.

Outro aspecto relevante nas pregações de Antonio Conselheiro a crença no Sebastianismo, que transmitia seus fiéis. O rei D.Sebastião era último filho homem e vivo de D. João III e D. Catarina. Foi aclamado rei em junho de 1557 começou a governar em janeiro de 1568, aos catorze anos de idade. O fim de seu reinado deu-se quando tomou a iniciativa de partir para uma batalha em junho de 1578, no Marrocos, em Alcácer-Quibir, norte da África, onde desapareceu. A população pobre, que vivia massacrada pela falta de investimentos e pelos privilégios da nobreza, gerando uma inquietação popular que transforma a volta de D.Sebastião, num sonho de redenção do império lusitano. Estes fatos deram origem ao Sebastianismo em Portugal e posteriormente no nordeste brasileiro (SILVAJUNIOR & PEREIRA, 2008).

Insatisfeitos com o crescimento do arraial, com medo da independência que possuíam, por não seguirem as leis da República, sobretudo do pagamento de impostos, o governo resolve entrar em Guerra para destruir Canudos. Ventura (2008, p.3) relata que, o atraso na entrega de madeira, comprada em Juazeiro para a construção de igreja, foi o estopim de um conflito armado, que se estendeu de 1896 até o completo extermínio da comunidade.

O conflito entre Canudos e a República resultou na dizimação da população de Belo Monte. As pressões da Igreja aliadas ao embate político foram decisivas para o agravamento da situação, pois eles combatiam a pregação dos pregadores leigos. Por esta razão, Antônio Conselheiro foi proibido de pronunciar sermões pela Igreja Católica em 1882. De acordo com Ribeiro (2008, p.1):

Canudos incomodava à Igreja Católica, que via seus fiéis debandarem para a comunidade de Antônio Conselheiro, e incomodava também os grandes fazendeiros latifundiários do sertão nordestino, que viam sua mão de obra explorada seguindo para o lugar onde não havia a opressão de um sistema que não diferia em nada dos moldes escravistas, extintos só no papel alguns anos antes.

Quatro expedições militares foram enviadas contra Canudos, para execrar a população, pois era considerada inimiga da República, representante da ordem vigente, que se prestava a perpetuar o poder dos coronéis e das elites, apoiados pela Igreja.

Foi uma guerra de extermínio, pois o conflito terminou com a morte de 5 mil soldados e com o massacre da segunda maior cidade da Bahia, com cerca de 25 mil habitantes (VENTURA, 2008).

A guerra ocorre de forma desequilibrada de um lado havia os jagunços, sertanejos pobres e fanáticos religiosos liderados por Antonio Conselheiro. Do outro lado as tropas do governo da Bahia com apoio de militares enviados pelo governo federal. Nas três primeiras tentativas os sertanejos e jagunços de Canudos, resistiram às tropas governistas, que embora fizessem uso de armas mais sofisticadas os moradores do arraial de Canudos, apesar das perdas saíram vitoriosos. Aproveitaram do conhecimento da região e camuflados conseguiram as vitórias. Posteriormente, ficaram com as armas dos militares mortos na batalha e ficaram mais fortes.

O Exército Brasileiro enviou 4 expedições a Canudos. A 1ª possuía 300 soldados do Exército e 100 da polícia baiana. Esta expedição foi derrotada em novembro de 1896. A 2ª expedição era composta por 600 soldados do Exército, mas também foi derrotada pelos milicianos de Canudos, em janeiro de 1897. A 3ª expedição foi organizada com 1300 homens, artilharia, cavalaria, médicos, engenheiros militares e ambulâncias, contudo foi vencida pelos combatentes (RIBEIRO, 2008).

Ribeiro (2008, p.1) relata que “a notícia da maior derrota sofrida pelo Exército até então corria pelo Brasil e deixava a população aterrorizada, diante do triunfo da milícia de “fanáticos” religiosos e monarquistas de Canudos”. Segundo o este autor, a grande dificuldade enfrentada pelas tropas do Exército Brasileiro é que os soldados republicanos não estavam preparados para combater na caatinga sertaneja. As fardas de lã dos soldados do Exército para evitar insolação que afligia a tropa, a fome e as epidemias prejudicavam ainda mais a situação dos soldados.



Até que chegou a quarta expedição do Exército, formada por quatro mil soldados e 400 oficiais de todo Brasil. Alguns meses depois foram enviados mais cinco mil soldados que usando armas pesadas provocou um grande massacre da população, inclusive de mulheres, crianças e idosos que resistiam a se entregarem foram mortas sem piedade inclusive queimadas em suas casas, quando os militares colocaram fogo no Arraial de Canudos. Poucas pessoas sobreviveram.



Figura 4: Prisioneiros e sobreviventes da guerra de Canudos

Em relação a Antonio Conselheiro existem duas versões sobre sua morte, existe algumas contradições. Os militares dizem que eles mataram Conselheiro, mas principal vertente da história aponta que ele já tinha morrido de causa natural antes da Guerra e estava enterrado na Igreja. Os militares cortaram sua cabeça e levaram para Salvador primeiro para exibir como troféu da vitória e mostrar como exemplo para aqueles contrários a República e segundo por que a sua cabeça deveria ser

estuda na Faculdade de Medicina de Salvador, para mostrar que a ideia que a “Loucura, a Demência e o Fanatismo estariam estampados nas misturas de raças e nos traços faciais característicos do Monstro dos Sertões”.



Figura 5:: Corpo de Antônio Conselheiro exumado pelo Exército

## Considerações Finais

O objetivo deste estudo foi abordar alguns aspectos históricos sobre a Guerra de Canudos. Foi possível observar que na República Velha, época da política do “café-com-leite” o poder estava nas mãos dos coronéis, grandes latifundiários. A ordem política estabelecida exercia o poder de forma tirânica, cobrando impostos que as populações pobres não podiam pagar e, além disto, exploravam os trabalhadores. Diante desta situação, o povo sertanejo vivia uma grande opressão e sem esperanças de um futuro melhor. Neste contexto surgiu no sertão da Bahia um líder religioso, Antônio Conselheiro.

Na pesquisa empreendida aqui ficou claro que a Guerra de canudos significou a luta e resistência das populações marginalizadas do sertão nordestino no final do século XIX. Embora derrotados, mostraram que não aceitavam a as mudanças advindas com a República e com a situação de injustiça social que reinava na região.

Nesse sentido, a liderança de Antonio Conselheiro sobre dezenas de pessoas que o seguiram pelo sertão em busca de melhores condições de vida não tinha apenas um caráter religioso, mas também político, pois resistiam à ordem política dominante.

Resistência esta que levou ao extermínio de milhares de pessoas que preferiam morrer lutando pelo que construíram ao longo dos anos do que se entregarem durante a Guerra.

O massacre de Canudos foi um erro histórico, pois na concepção republicana, a população mestiça era considerada uma estorvo ao progresso do Brasil. No entanto, ficou conhecido internacionalmente e mesmo com a morte física de Antônio Conselheiro, ele continuou um exemplo de resistência as injustiças sociais.

Hoje o local onde era o arraial, encontra-se coberto com água, sendo possível observar apenas parte se suas ruínas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rodrigo. **Brasil Colônia: a gradativa tomada de posse**. 2007. Disponível em :< <http://www.juserve.de/rodrigo/TEXTOS/historiadobrasil/1.pdf>.>
- BERTO, Luiz; Berthold Zilly. **Os sertões, cem anos depois**. 2008. Disponível em :< [www.luizberto.com/?p=69171](http://www.luizberto.com/?p=69171)>
- CASTRO, Leonardo. **A Proclamação da República**. 2007. Disponível em :< [novahistorianet.blogspot.com/2009/01/republic...](http://novahistorianet.blogspot.com/2009/01/republic...)>
- DENNEMANN, Fernando K. **Capitanias hereditárias: sua criação**. 2007. Disponível <http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=652307>>
- DOBRORUKA, Vicente. **Antônio Conselheiro, profeta do sertão?** 2008. Disponível em :< [http://www.pej-unb.org/downloads/art\\_conselheiro.pdf](http://www.pej-unb.org/downloads/art_conselheiro.pdf)>
- HERMANN, Jacqueline. “Religião e política no alvorecer da República: Os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado”. In: FERREIRA, George; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org). **O tempo do Liberalismo Excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. 2008.
- FONTES, Sílvia Silva,. **A Corte Portuguesa no Brasil**, 2008. Disponível em :< <http://www.portugaliza.net/numero05/ACortePortuguesanoBrasil.pdf>.>
- LEITE, Carlos R. **Colonização (de Martins Afonso à União Ibérica)**. 2006. Disponível em :< [www.sokarinhos.com.br/HISTORIA/histbr\\_09.htm](http://www.sokarinhos.com.br/HISTORIA/histbr_09.htm).>
- PROENÇA, Wander de Lara. “Entre leituras e representações: um caso de messianismo milenarista no Norte do Paraná”. In: **Revista de História Regional** 8(1): 121-138, Verão 2003.
- NEGRAO, Lísias Nogueira. Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo: v. 16, n. 46, June 2001.
- SILVA JÚNIOR, Isaac José da; PEREIRA, Rakel Luciana Azevedo. **Influências sebastiânicas no fantástico mundo do imaginário nordestino**. 2009. Disponível em :< [http://www.unicap.br/armorial/35anos/trabalhos/d\\_sebastiao.pdf](http://www.unicap.br/armorial/35anos/trabalhos/d_sebastiao.pdf)..>

VENTURA, Roberto. "Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa" In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, 2008, V. 40 nº1.

VICENTE, António Pedro. **Política exterior de D. João VI no Brasil**. Estud. av. São Paulo, v. 7, n. 19, Dec. 1993 .

Filme: "Guerra de Canudos", produção brasileira dirigido por Sergio Rezende.